

O BEIJO

POR BEATRIZ ANTUNES*

O beijo teve gosto de arroz com feijão. Nada degustamos.
Nem eu nem você: não havia boca suficiente para dizer o que não dissemos.
Que mais diríamos nós?
Chego mesmo a pensar, o beijo ficou suspenso pelo desejo. Ainda não aproveitamos
o fato do amor; o beijo ficou suspenso pelo desejo.
Tua boca endossava o gosto do meu desdém. Minha, ela ainda não pode te compartilhar.

Repetida a refeição: o amor pelo contato, o vício do querer. Ainda vive um
gosto receoso - não te percebo como meu sensor.
Os beijo tiveram seus temperos ácidos, seus momento cerrados, seus ossos
necessários...mas não riram. Me pergunte porquê, questione a simplicidade de
movimentos, a elasticidade forrada das bochechas!
Mas não desista, ainda, de me esperar.

Ter-te sempre em compotas, manter-te longe da boca. Meu desejo. Meu longe
de mim.

Ria! Ria sua gargalhada apalhadada, não me rende. Ser ridículo é o que te
afasta de mim, então lamba o pirulito, ronde o poste - e esteja longe.
Te desejo sem vontade, sem ordem ou função....meu bonsai.

Agora me ouça aí de longe se puder ainda respirar: o teu desespero te afasta
de mim e me coloca em oposição ao que sou hoje. Não desespere, mas fique. Se não,
viro tua aliada, tua amiga, tua.
Ouça também o valor da significação. Amor. Isso não tem nada a ver com o beijo^{3/4}
sou amante de mim. Tudo o que posso amar ou amargar está em mim. Meu contato
restringe nosso contexto...entenda! Não tem nada a ver com amor.

Faz já tempo aquele beijo. Solução de conceitos amargados na tentativa de me
abandonar. Me desculpa, eu sou muito íntima.
Fracassamos, você sabe. Somos dignos do quê? Se nada conseguimos ultrapassar a
não ser o limite incalculável da nossa vontade de aprender?

Eu quis entendimento.

Meu solução deixou de ser fluxo equívoco de ar, sou eu toda o chique do
meu susto. Onde foi parar aquele sopro? Já não te encontro mais.
São tuas sobras, sempre no mesmo nível, abaixo dos olhares, só pó nas minhas narinas
e teu beijo dentro da minha imagem. É o que tenho, o que nunca desejei. É o que
amo.

Eis eu, que não posso viver de amor, que não me preencho sequer com tudo.

Eis eu, que não posso te amar porque te transformo sempre. Porque te aumento sempre. Impossível amar a corrente.

Sou o constante lavrador em tua busca. Mato, mato, mato. Minha enxada te fura e refira, nunca achata, nem cultiva. Impossível amar a semente. Te preparo todo dia, mas te cavo sempre mais. E mais.

Então não me deixe, não me beije. Não me espalhe por bocas que eu não beije. Não me beije por onde eu não estou.

Sou a veladora incansável, e infeliz. Mas me tenhas, você precisa do olhar.

Se te beijo, te tranco. E por que nunca disse que te sou? Como poderia...? A boca que te beija não é a que te diz. Se o faz, não é. Boca não diz nada. A que te beija apenas se refere a ela mesma. Acalme-a, não beije-a .

Me beijamos ali, na sua janta. Descobri seu sexo sem gênero. É teu sexo na minha boca. Mesmo a tua fidelidade... não sai da minha boca. Sou eu a tua voz do momento, sou eu que te sabe existindo homem ou não. Sou teu e tua, ao mesmo tempo. Ao meu prazer.

Teu sexo sem boca - sem voz. Teu seio sem leite, o umbigo sem ovário. Onde está o que desejo, se não fora de tudo o que conheço? Instituo, mas desconheço. Esse sexo - só na minha boca, só no mundo de opções poucas. Pulou o muro do preto e branco e voltou sempre rosnando baixinho. Que tens, querido, é medo? Mas não me amas também.

Eu sou outro gênero de palavra. Sou *uma*. Eu é que me amo sendo você no espelho d'água. Porque água me continua noutro tempo, noutro sonho. Então continuo longe.

Na minha boca você ama. Pára de ser dois e se torna o! Retorna a ... Quem disse tanto motivo fui eu, teu sexo sou eu. Encontre-se no meu arquivo, mas não acredite no que eu digo. O que acredito é só meu. Então, amo.



Love, Love, Love/Andy Warhol